

SER HUMANO, SER RECÍPROCO

Carlos Rodrigues Brandão



***Este escrito foi originalmente
um capítulo de livro
ou um artigo publicado ou utilizado
para aulas e palestras.***

***Nesta versão “nas nuvens”
ele pode ser livre***

***e gratuitamente acessado
para ser lido ou utilizado
de alguma outra maneira.***

***Livros e outros escritos meus
podem de igual maneira***

***ser acessados livremente em
www.apartilhadavida.com.br***

ou em

www.sitiodarosadosventos.com.br

LIVRO LIVRE

Mas não lhe restam mais que um pedaço de pão e um pouco de água em um cantil; ele sabe que até o fim vai depender dos homens, do poço do fazendeiro, do padeiro que lhe venderá o pão, que terá de ser servido por eles e de servi-los. Para mim são dois procedimentos absolutamente idênticos, o homem está no mundo, e o resto da humanidade também.

Marguerite Yourcenar¹

Fora alguns filósofos e muitas crianças, quase nunca nós paramos por um momento para fazermos estranhas perguntas. Como esta que Leibniz, um importante filósofo alemão do passado, fez um dia: *porque é que existe o que existe e, não, o nada?* E ele não foi nem o primeiro e nem o segundo a fazer esta pergunta. E ela parece uma pergunta tola e dispensável. Mas por milênios ela tem sido uma questão essencial para compreendermos onde estamos, como tudo começou e porque o que há existe como existe.

De uma maneira semelhante, biólogos e outros estudiosos afins perguntam: e como? E porque surgiu algo como a Vida aqui na Terra? Porque será que nesta pequenina esquina do Universo, em um planeta mínimo de um sistema solar situado a um canto de uma entre bilhões de constelações e de galáxias, foi surgir algo tão estranho, tão misterioso, tão persistente e tão frágil como a Vida?

E sobre nós mesmo, os seres em quem a Vida se tornou humana, muitas vezes nós recordamos três perguntas encadeadas: Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos?

E nos dias de hoje podemos pensar estas perguntas acompanhadas de outras: quem temos sido ao longo de nossa história? O que temos feito de nós mesmos e com os nossos outros? Quem somos agora? O que podemos fazer ainda por nós mesmos, seres humanos? Qual o nosso destino? Qual a nossa parte de responsabilidade na construção dele.

Começo com as mesmas e outras palavras as reflexões sobre como nós nos criamos a nós mesmos, ao saltarmos do *mundo da natureza* para o *mundo da cultura*. A seguir iremos dar um passo a mais. Iremos em busca das origens mais ancestrais do *modo de ser* que nos permitiu chegar até este momento de

¹ Esta na pagina 227, de **De olhos abertos**, um dos muitos livros da escritora belga-francesa Marguerite Yourcenar, cujo livro mais conhecido entre nos e **Memórias de Adriano**.

nossa vida coletiva. Estamos muito acostumados a ler livros que fazem críticas superficiais e nossa atualidade, ou que sugerem, das mais diversas maneiras, como deveríamos mudar – pessoal, interativa e socialmente – para criarmos um mundo mais humano e vivermos uma vida melhor. Em alguns de nossos *cadernos* anteriores estivemos às voltas com estas questões. Mas, aqui, a pergunta é outra: porque é que somos como somos?

Jean-Jacques Rousseau é um dos filósofos e pensadores da sociedade humana mais conhecidos. Mesmo havendo sido um homem nascido e morto entre 1712 e 1778 suas obras permanecem lidas como se atuais. Ele possui, inclusive, um grande livro sobre a *educação: Emílio, ou da Educação*, escrito em 1762. Seu livro mais conhecido é *O Contrato social*, também sub-intitulado, *Princípios de direito político*, escrito no mesmo ano de 1762. Este livro, que influenciou inclusive os antropólogos que nos esperam logo adiante, retoma as perguntas sem respostas definitivas que, entre mitos e sistemas filosóficos, terá milhares de anos: “porque somos como somos? O que torna o ser humano quem ele é, a natureza humana ou as tradições e imposições da sociedade? Como e porque, para podermos viver juntos e criar “ambientes humanos” de convivência, necessitamos criar e lidar com o que ele chamará justamente de “contrato social”. Mais ou menos o que neste *caderno* e em *cadernos* anteriores eu chamei e seguirei chamando de conjuntos de valores, de regras, de princípios e de preceitos sociais. O que nos obriga a criarmos entre nós, ainda que isto seja um peso à naturalidade do ser humano, um “pacto social”? O que ele implica, que eles nos obriga e o que ele nos impõe?

Ora, mas o mesmo Rousseau escreveu também um livro quase tão divulgado e conhecido quanto *O contrato social*. Seu título sugere um conteúdo bastante mais árduo e conflitivo: *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, escrito em 1681, logo, vários anos após *O contrato social*². Neste livro, como já antes em *O contrato social*, Rousseau separa o que ele chama um ser humano e uma humanidade em “estado de natureza” (o conhecido “mito do bom selvagem”) e o homem regido pela vida social. A própria sociedade que se impõe como lugar único de vida possível para nós, criar e reproduz as inevitáveis – ou será que evitáveis e corrigíveis – desigualdades que, dos seus tempos aos nossos, pois de então para agora “por toda a parte em que olhemos, vemos homens submetidos a ferros”. Vimos, *cadernos* antes, com

² Estes três livros de Jean-Jacques Rousseau estão traduzidos para o Português. *O contrato social* possui versões traduzidas de mais de duas editoras. Recomendo a da Editora Martins Fontes, de São Paulo, em 1989. O *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* também foi editado pela Martins Fontes em 1993. Finalmente, *Emílio* foi editado também pela mesma editora em 1995.

Clifford Geertz e outros antropólogos, que os seres humanos ao saltarem da natureza para o mundo da cultura, criaram eles próprios teias e tramas de símbolos e significados, criando do tecido social da *cultura*, fora da qual não há como viver uma vida humana. Vemos agora com Rousseau, que, ao abrir mão de um inocente estado original “de natureza” e ao tornar-se um “animal social”, ou seja, um ser político, o homem abre mão de sua própria primeira liberdade para poder, afinal, ser humano e conviver humanamente. Será mesmo assim? Estaremos nós condenados a criarmos ao mesmo tempo o nosso Paraíso e o nosso Purgatório?

Para buscar mais entre antropólogos, biólogos e psicólogo, do que entre filósofos uma entre muitas alternativas de respostas a estas e a outras perguntas, sugiro que recuemos alguns passos e retomemos algumas palavras e idéias já nossas conhecidas.

Quem somos nós? Como somos? Porque somos como somos?

Nossos corpos são a natureza de que nós somos parte, transformada no ser de uma pessoa: você, eu. Não somos intrusos ou apenas uma fração da natureza rebelde a ela. Somos a própria múltipla e infinita experiência da natureza realizada como uma forma especial de vida: a vida humana. Da mesma maneira como boa parte dos animais, somos corpos dotados da capacidade de reagirem ao seu ambiente. De se locomoverem nele em função de mensagens que captam dele com os seus sentidos, e através de atos por meio dos quais deixam a sua marca momentânea em seu mundo. Mas entre todos os outros animais e nós existe uma diferença essencial. Com uma enorme variedade de vivências disto, em todos eles existem formas de uma consciência reflexa da relação entre o ser vivo e o seu mundo. Eles sentem, eles percebem, eles lembram, eles sabem, eles agem. Nós também. E nós nos sentimos sentindo, como alguns outros animais também.

Mas nós nos pensamos sabendo e nos sabemos pensando. E sabemos que sentimos e nos sentimos tomados desta ou daquela emoção, porque aprendemos a nos saber sabendo e a nos sentir sentindo. Passamos, assim, da consciência reflexa que compartilhamos com outros seres da vida, à consciência reflexiva, que acrescenta um “me” e um “mim” a um “eu”. E que é em nós o veículo com que interagimos conosco mesmos (eu-me), com os nossos outros (eu-outro) e com o nosso mundo (nós-mundo).

Somos uma consciência que pensa e se pensa, somos a aventura, a glória e o terror de termos de viver dentro de três tempos: o passado, o presente e

o futuro, enquanto tudo o que vive à nossa volta contenta-se em viver um só e sensível presente. A vida, consciente de si em qualquer ser-da-vida, torna-se enfim conhecedora de sua própria consciência. E ao passar de reflexa (saber e sentir) à reflexiva (saber-se sentindo e sentir-se sabendo) ela nos faz saltar da esfera do sinal à do signo e dela aos caminhos e aos abismos do sonho e do devaneio. Os animais sabem o que sabem com a carga genética da espécie. Ou aprendem o que lhes falta saber interagindo organicamente com o meio ambiente, ou através de interações pré-simbólicas com outros seres de sua espécie. Nós saltamos do sinal ao símbolo e aprendemos como eles, mas aprendemos uns com os outros, através de gestos carregados de sentido e de palavras carregadas de idéias.

Existe ainda uma outra diferença importante. Dentre todas as espécies, somos a única que ao invés de apenas transformar-se fisicamente para adaptar-se ao mundo natural, começou a transformá-lo de maneira intencional, para adaptá-lo a ela. Castores fazem diques na água. Formigas constroem cidades debaixo da terra e abelhas realizam, há muitos milhões de anos, verdadeiros prodígios de arquitetura. Mas em todos estes animais e em outros, o “fazer” não é um “criar”. Ele é uma extensão instintiva das leis de comportamento da espécie impressas no corpo de cada um de seus indivíduos. Quando os primeiros seres de quem descendemos viviam a esmo, na beira dos riachos, já os pássaros eram construtores de sábios ninhos. Mas hoje os seus seguidores fazem, da mesma maneira, os mesmos ninhos. Nós inventamos sobre todos os quadrantes da Terra uma variedade enorme de habitações e ensaiamos no espaço sem ar e sem gravidade, as primeiras moradias fora da Terra.

Cultura: a invenção do humano

Vimos em cadernos anteriores que podemos dar ao que nos torna humanos, o nome de *cultura*.

A *natureza* é o mundo de quem somos e o mundo em que nos é dado viver. Lembremos uma vez mais que somos, como os outros seres vivos, seres naturais. Más, à diferença deles, nós somos naturalmente humanos. E somos humanos porque somos culturalmente naturais.

A *cultura* é todo o mundo que transformamos da natureza, em nós e para nós. Quando o Deus dos hebreus, dos cristãos e dos muçulmanos disse aos seres criados: *crescei e multiplicai-vos*, eles e também nós respondemos com a extensão natural de nós mesmos. Quando ele disse: *habitai a Terra*, os homens responderam transformando os seus mundos e a si mesmos. Responderam

criando diferentes maneiras de não apenas colher os frutos das árvores e os peixes dos rios, mas de lavrar a terra e dar aos seus frutos e aos dos rios, nomes. Clifford Geertz, um antropólogo norte-americano, escreve isto assim:

Somando tudo isso, nós somos animais incompletos e inacabados que nos completamos e acabamos através da cultura – não através da cultura em geral, mas através de formas altamente particulares de cultura: dobuana e javanesa, hopi ou italiana, de classe alta e classe baixa, acadêmica e comercial. A grande capacidade de aprendizagem do homem, sua plasticidade, tem sido observada muitas vezes, mas o que é ainda mais crítico é sua extrema dependência de uma espécie de aprendizado: atingir conceitos, a apreensão e aplicação de sistemas específicos de significado simbólico. Os castores constroem diques, os pássaros constroem ninhos, as abelhas localizam o seu alimento, os babuínos organizam grupos sociais e os ratos acasalam-se à base de formas de aprendizado que repousam predominantemente em instruções codificadas em seus genes e evocadas por padrões apropriados de estímulos externos – chaves físicas inseridas nas fechaduras orgânicas. Mas os homens constroem diques ou refúgios, localizam o alimento, organizam seus grupos sociais ou descobrem seus companheiros sexuais sob a direção de instruções codificadas em diagramas e plantas, na tradição da caça, nos sistemas morais, e nos julgamentos estéticos: estruturas conceptuais que moldam talentos amorfos³.

Nomes, símbolos, palavras, sentidos e significados. Pois para a ave que pousa num galho a árvore é a sombra, o abrigo, a referência no espaço e o fruto. Para nós, seres da natureza habitantes da cultura, ela é tudo isto e muito mais. É um nome, uma lembrança, uma tecnologia de cultivo e de aproveitamento. É uma imagem carregada de afetos, o objeto da tela de um pintor, um poema, uma possível morada de um deus ou, quem sabe, uma divindade que por um instante divide com um povo indígena uma fração de seu mundo.

A cultura é algo que sempre e inevitavelmente estamos criando. Não apenas as coisas da matéria da Terra transformadas em objetos da Vida, mas as tessituras de palavras, de regras, de códigos e de gramáticas sociais, de imagens e de idéias partilhadas que em nós tornam possível o viver e o conviver. Culturas são panelas, mas também sistemas sociais de alimentação. São vestimentas,

³ *A interpretação das culturas*, páginas 62 e 63,

acompanhadas de preceitos e princípios sobre modos de se vestir em diferentes situações sociais e rituais. São estruturas simbólicas e complicados sistemas de falas e de gestos entre categorias de sujeitos. Mapas simbólicos, tessituras de significados que nós próprios criamos e em cujas tramas e teias nos enredamos de uma maneira inevitável. Esta é a nossa liberdade e a nossa servidão. Pois é dentro, entre e através de tais teias e tramas que criamos os mundos sociais para podermos viver juntos no mundo natural que nos é dado.

Em pelo menos duas direções mais conhecidas podemos compreender a experiência da criação das culturas ao longo da múltipla história da humanidade. Em uma direção a cultura surge e está no processo do trabalho e nos produtos do trabalho, na transformação da natureza dada, em um mundo intencionalmente criado. Trabalhos, labores, ciências, tecnologias, artes, das mais simples, primitivas e arcaicas às complexas, elaboradas e atuais, eis aí os processos, os procedimentos e os produtos das diversas culturas humanas.

Há uma outra direção para pensarmos a origem da *cultura* e da própria *vida social*. Ela não se opõe à primeira, mais a integra e amplia. Através dela retornaremos ao dar-receber-retribuir de Marcel Mauss, que dá título a estas reflexões. Sabemos que a experiência humana da cultura é e está contida nos *atos* e nos *feitos* através dos quais nós nos apropriamos do mundo natural e o transformamos em um mundo humano. Mas ela está também nos *gestos* e nos *feitos* com que nos criamos a nós próprios no mundo de natureza em que vivemos. Gestos dotados de simbologia e de significados. Gestos realizados em situações interativas de troca e reciprocidade, e gerados em e geradores das diferentes dimensões da vida social que culturalmente realizamos na medida em que nos transformamos de *organismos biológicos* e *indivíduos* em *sujeitos sociais: em pessoas*. E gestos interativos através dos quais continuamente transformamos *coletividades orgânicas* em *comunidades sociais*.

Somos seres sempre sociais em pelo menos dois sentidos. Um primeiro em que somos de maneira inevitável e contínua criadores e re-criadores dos mundos sociais em que vivemos. Com coisas criamos casas em que abrigamos o plural de nosso ser. E para podermos habitar as casas, nós a preenchemos tanto de objetos que são os nossos utensílios, quanto de símbolos, com que os revestimos de afetos, memórias, significados. Por isso depois que aprenderam a transformar o barro em potes, os homens aprenderam a pintar flores nos potes e cores nos corpos das mulheres. Em um segundo, porque uma vez socializados na(s) cultura(s) de uma dada sociedade, nós a trazemos dentro de nós.

Eis porque em termos modernos dizemos que a cultura está mais no *quê* e no *como* nos dizemos palavras, imagens e idéias entre nós, para nós e a nosso

respeito, do que no que nós fazemos em nosso mundo, ao nos organizarmos socialmente para viver nele e transformá-lo. Ao levarmos a Vida do reflexo à reflexão e do conhecimento à consciência, nós acrescentamos ao Mundo o dom gratuito do espírito. Com ele nós nos tornamos senhores do sentido e criadores de uma vida regida não pelo sinal e o instinto, como entre nossos parentes animais, mas pelo símbolo e pelo sentimento. Somos uma espécie que ao longo de toda a história da humanidade, e também em cada pequenino momento da vida cotidiana, está a todo o tempo criando e recriando as teias e as tramas de símbolos e de significados com o quê, para muito além dos simples atos dos trabalhos indispensáveis à nossa sobrevivência biológica, buscamos respostas às nossas perguntas, estabelecemos sentidos para as nossas vidas, consagramos princípios para a nossa difícil convivência e nos impomos princípios e preceitos para podermos viver no único mundo que nos é possível: a sociedade humana e as suas várias culturas.

Compartimos com inúmeras outras espécies de animais de vida coletiva o fato de só sabermos existir em uma coletividade. Mas, das abelhas e formigas aos lobos e gorilas, cada família animal está aprisionada nos limites orgânicos de regência biológica da constituição de seus indivíduos e da estrutura e dinâmica do grupo, do bando. E, como já vimos antes, nós, os humanos, chegamos a ser a única forma de Vida na Terra que transcendeu o domínio natural das *leis biológicas* impressas geneticamente em cada um, ao criar um mundo de interações pessoa-pessoa, pessoa-símbolo, símbolo-símbolo através de pessoas. Ao criarmos um múltiplo universo de interações edificado sobre *regras sociais*. Um mundo regido pela experiência da fala e da comunicação de saberes, de sentidos, de sentimentos e estabelecido sobre integrações de sistemas de identificação de atores (quem é quem em cada contexto, em cada momento, em cada interação) e de sistemas de gramáticas das relações sociais (quem pode viver o que com quem, em cada contexto, em cada momento, em cada interação).

De uma simples comunidade tribal à sociedade humana mais complexa, onde quer que haja vida humana, há símbolos que transformam atos em gestos, gritos em palavras, intenções em idéias e idéias em preceitos, em sistemas de princípios, em gramáticas de regras culturais, em ideologia das práticas sociais, em universos simbólicos.

Onde quer que haja vida humana, logo, social e significativa, há, por toda a parte, critérios de atribuição de identidades pessoais, étnicas, sociais. Há códigos que transformam comportamentos individuais em padrões de condutas interativas. Há gramáticas sociais que classificam e prescrevem tipos de relacionamentos entre as diferentes categorias de sujeitos (homens-e-mulheres,

pais-e-filhos, jovens-e-adultos, companheiros de uma equipe de trabalho, ou senhores-e-servos). Há sistemas que interligam os saberes e os valores da vida interativa com-o-outro e da vida social entre-outros. E, universais e, ao mesmo tempo, peculiares de cultura para cultura, como eles são, esses valores e saberes recebem em diferentes línguas palavras semelhantes ou diversas. Eles são os nossos imaginários, as ideologias, as representações sociais, os universos simbólicos. Em uma segunda dimensão, interagimos entre nós para vivermos uma segunda esfera de nossa condição: a sociedade. Em um terceiro plano (mas não na seqüência, pois os três momentos de interações acontecem juntos) interagimos com um terceiro ambiente: o dos símbolos e significados a que a experiência da vida social, e não apenas coletiva, como entre os outros primatas, nos conduz. E, uma vez enlaçados entre símbolos e significados, uma vez mais à diferença dos animais, nós nos relacionamos com o próprio ambiente natural através de sistema de sentidos que atribuímos à natureza como um todo e a cada um de seus componentes. Vemos, ao mesmo tempo, uma árvore, um ser vivo do reino vegetal, um sentimento e um feixe de palavras: “este ano os ipês amarelos estão florindo no cerrado como há muito tempo não acontece”.

Agora estamos preparados para darmos um passo adiante.

Dar, receber, retribuir – as origens da vida que nós vivemos

Retenhamos do começo ao final deste estudo sobre relações entre o saber e o aprender, entre a *educação* e a *cultura*, esta trilogia de verbos: *dar-receber-retribuir*. Eles formam a cadeia de palavras-chave de um dos mais conhecidos e importantes estudos das ciências sociais. Seu autor, o antropólogo francês Marcel Mauss, o chamou: *Ensaio sobre a dádiva – forma e razão da troca nas sociedades arcaicas*, um longo estudo cujas idéias nos acompanharão daqui em diante⁴.

Somos humanos porque introduzimos na Terra e na múltipla e transformável experiência da vida no Planeta, uma maneira única e original de viver-com-o-outro. Uma experiência que prolonga e torna bastante mais complexa a herança dos primatas quanto ao viver-em-bandos. A nossa capacidade de não apenas viver organicamente em coletividades biológicas, mas de criar e transformar, ao longo do tempo e entre os espaços do planeta, as mais diversas

⁴ Existem algumas versões traduzidas para o português. Uma delas saiu no volume II do livro **Sociologia e Antropologia**, publicado em São Paulo, em 1972, pela Editora Pedagógica e Universitária em parceria com a EDUSP. Uma versão mais atual foi editada, com o mesmo título, mas em um volume apenas, pela Cosac e Naify, também de São Paulo, em 2003.

formas de viver-juntos, de gerar, preservar, transformar, destruir e recriar diferentes comunidades de vida.

Quando Marcel Mauss fez um vasto levantamento sobre formas primitivas e arcaicas das mais diversas relações interativas entre as culturas e as sociedades humanas, ele se deu conta de que havia *em* e *entre* todas elas um mesmo padrão universal. As suas diferenças de um modo de vida para o outro eram múltiplas e diversas, mas este padrão parecia estar presente sempre, da aurora do *homo* aos nossos tempos pós-modernos. Em qualquer sociedade humana as pessoas individuais, através de unidades sociais como as famílias, os clãs, as tribos, as comunidades, enfim, estão sempre às voltas com relacionamentos aparentemente pessoais e voluntários regidos por preceitos de troca. Olhadas de perto, essas relações pessoa-pessoa parecem ser sempre preceituais, prescritivas e coletivizadas. Viver em uma coletividade é estar enredado, também, em círculos e circuitos de intercâmbios cerimoniais regidos pela obrigação de *dar*, de *receber* e de *retribuir*.

Nas economias e nos direitos que precederam os nossos, nunca se constatavam, por assim dizer, simples trocas de bens, de riquezas e de produtos num mercado estabelecido entre indivíduos. Em primeiro lugar, não são indivíduos, são coletividades que se obrigam mutuamente, trocam e contratam; as pessoas presentes ao contrato são pessoas morais: clãs, tribos, famílias, que se enfrentam e se opõem, seja em grupos, frente a frente num terreno, seja por intermédio de seus chefes, seja ainda dessas duas maneiras ao mesmo tempo. Ademais, o que elas trocam não são exclusivamente bens e riquezas, bens móveis e imóveis, coisas úteis economicamente. São, antes de tudo, amabilidades, banquetes, ritos, serviços militares, mulheres, crianças, danças, festas, feiras, dos quais o mercado é apenas um dos momentos, e nos quais a circulação de riquezas não é senão um dos termos de um contrato bem mais geral e bem mais permanente. Enfim, essas prestações e contraprestações se estabelecem de uma forma, sobretudo voluntária, por meio de regalos, presentes, embora elas sejam no fundo rigorosamente obrigatórias, sob pena de guerra privada ou pública. Propusemos chamar tudo isto o sistema das prestações totais⁵.

Os animais também interagem. Muitas espécies convivem em coletividades e alguns deles organizam-se em bandos, regidos por condutas

⁵ Marcel Mauss, *Sociologia e antropologia*, 2003, páginas 190 e 191.

relacionais bem definidas. Mas você nunca verá um orangotango trazendo de longe um cacho de frutas para alimentar um outro animal de seu bando, ferido ou já muito velho. Regidos por códigos genéticos e princípios orgânicos de relacionamento com o outro e com o meio ambiente, os animais convivem, mas não compartilham a vida como nós, os humanos. Nossos primeiros ancestrais eram caçadores e caçavam como as onças ou os leões. No entanto, ao invés de levarmos as fêmeas para a caçada e ao invés de devorarmos, cada um por si, “ali mesmo” as carnes do animal morto, nós aprendemos a deixar fêmeas, crianças, velhos e feridos nos acampamentos, e desenvolvemos uma conduta inovadora: trazer, para quem ficou, o alimento. Em praticamente todas as espécies de seres animais, os genitores deserdam uma prole crescida para poderem se dedicar a uma outra, vindoura. Uma mãe humana de oito filhos preserva em cada um, um mesmo afeto uma vida inteira. Animais não enterram os seus mortos e nemoram por eles.

Se conseguimos chegar a uma forma única de existir-no-mundo e de partilhar-um-mundo, este pequeno imenso milagre terá acontecido por haveremos desenvolvido uma maneira diferente para as nossas soluções adaptativas, frente ao que desenvolveram todos os outros seres vivos. A duras penas nós aprendemos a criar, a consolidar e a inovar alternativas múltiplas e mutáveis, complexas e diferenciadas de vivermos as nossas interações. Criações inovadoras do vivermos as nossas relações: eu-me, eu-outro, eu-nós, nós-nós, nós-outros. Soluções negociadas e consensuais com que aprendemos a experimentar e estabelecer os nossos relacionamentos com a natureza. E a praticar este salto não apenas de maneira naturalmente adaptativa, como entre os pássaros, os lobos e os macacos, mas segundo padrões culturais crescentemente criativos e transformadores. Aprendemos a guerrear, é bem verdade. E somos lastimavelmente a quase única espécie de seres vivos capaz de praticar e repetir endo-assassinatos, genocídios e etnocídios. Mas aprendemos algo antecedente a isto e a tudo o mais. Aprendemos a sair-de-nós-mesmos e a *trocar* bens, serviços, pessoas e mensagens com os outros.

Trocar pessoas, trocar bens, trocar mensagens

Podemos agora viver por um momento um diálogo com o antropólogo francês Claude Lévi-Strauss, através da leitura que dele faz do psicólogo social romeno Serge Moscovici. Nas coletividades animais existem seres biologicamente diferenciados, a partir de uma distinção original e essencial entre machos e fêmeas. Existem seres em posições diferentes na escala dos ciclos de vida: os recém-nascidos, as “crianças”, os “jovens”, os “adultos” e os “velhos”. As relações

entre os diferentes indivíduos de um mesmo bando estão quase todas “impressas” organicamente nas disposições comportamentais e interativas. Assim é que entre as diferentes espécies de macacos antropomorfos existem bandos em que um macho único, ou um número muito pequeno de machos, detém a posse de todas as fêmeas, e geram proles com elas. Já, em outras, machos e fêmeas formam pares estáveis ou semi-estáveis, como em algumas sociedades humanas, e o poder de controle de um macho dominante é, então, bastante relativo⁶. Ora, os primatas humanos não foram dotados pela natureza de um tal sistema organicamente regulador de relações com o outro, de acasalamento e de cuidado da prole. E se os nossos primeiros ancestrais em algum momento viveram experiências interativas de ordenação do grupo e de organização de formas “naturais” de organização do acasalamento e da procriação, por certo elas foram sendo perdidas ao longo do curso do próprio processo de *hominização*.

Precariamente dotados de preceitos de *leis biológicas* de gestão das unidades sociais primitivas, os humanos foram obrigados a produzir culturalmente os princípios generativos do próprio viver-com. Ao longo do tempo este processo aperfeiçoou, em primeiro lugar, sistemas culturais de reconhecimento de si e do outro. Sistemas simbólicos de atribuição de identidades, de tal maneira que, pouco a pouco, onde haviam indivíduos conotados por semelhanças ou por diferenças biológicas, começaram a existir pessoas auto e alter-identificadas segundo padrões culturalmente simbólicos. Isto é, sistemas relativamente livres e arbitrários de atribuição de tipologias, de nomes e de significados relacionais do tipo: “quem é quem entre nós e para além de nós”.

Fomos seguindo e sendo hoje, no interior de diversos sistemas culturais, machos e fêmeas diferenciados entre algumas ou várias categorias de familiares e de parentes consangüíneos e afins. Machos e fêmeas, somos também genitores e gerados: seres vivos originados de progenitores biológicos, transformados em pais e filhos, em mães e filhas, em irmãos e em irmãs, em primos cruzados e primos paralelos, em amadas esposas e amantes, em avós e netos, sobrinhos e tios, padrinhos e afilhados. Seres biológicos agora tornados sociais e inseridos em e entre sistemas e códigos de princípios de identidade e de preceitos de interações.

Mas em que princípio fundador estariam alicerçados tais sistemas de atribuição de identidades e de prescrição de interações - como o piscar o olho para uma futura namorada - e de intercâmbios - como o casar-se e gerar filhos com ela? A origem de tudo estaria no que, segundo alguns antropólogos, fez

⁶ Em *Sociedade contra a natureza* (1975), Serge Moscovici chama o primeiro tipo de ordenação da unidade animal de *grupo de clique*, e, a segunda, de *grupo de camaradagem*. Não nos espantemos com o fato de que em algumas sociedades humanas primitivas, arcaicas e mesmo atuais, sistemas mais ou menos semelhantes sobreexistam.

surgir entre nós, os humanos, o “momento zero da cultura”: a *proibição do incesto* e a sua contraparte: a *obrigação da reciprocidade*.

Não aprendendo a viver-com, a conviver, a partilhar, a viver em grupos não poderíamos sobreviver. E aquilo que nos animais é inato e determina o proceder do indivíduo em favor do bando e o proceder do bando em nome da espécie, entre nós, os seres humanos, teve que ser criado, ensinado e aprendido.

A *proibição social do incesto* e o seu o *dever solidário da reciprocidade* são as duas faces de um mesmo princípio original de criação da própria experiência humana. Como vimos, sobre o acontecimento natural que gera a fêmea, a criança e a adulta, geramos culturalmente a mulher (um gênero e, não, um sexo). Ao lado de sistemas culturais de classificação de tipos identitários de pessoas sobre uniformidades de indivíduos biológicos, estabelecemos princípios que regulam, entre permissões e proibições, padrões de interações. A mais primária delas terá sido a interdição de acasalamento entre determinadas categoriais de homens e de mulheres. Filhos não casam e nem procriam com suas mães, e apenas em raras situações e culturas irmãos acasalam com irmãs. Este é dilema original de Édipo, que as teorias da psicanálise compreendem de uma maneira e, a antropologia, de outras. E de acordo com as tendências de um lado e de outro, elas tanto discrepam quanto convergem.

Podemos imaginar que entre os nossos primeiros ancestrais já humanizados a proibição do incesto gerou uma e estranha e pesarosa contradição. Nós, os humanos, geramos filhos e filhas. Criamos filhas com desvelo e cuidados e se inevitável, damos nossas vidas por elas. No entanto, à exceção – e, mesmo assim, sempre relativa – das raras culturas com sistemas “endogâmicos” de união entre homens e mulheres, nós destinamos nossas filhas a uniões com homens situados fora da família e da teia próxima de parentes. Elas são retiradas de um lar e de uma família para se unirem e gerar filhos fora também de seu clã original e de preferência fora do grupo local.

Compreendamos, desde a sua outra face, este princípio humano de organização social da relação afetivo-produtiva através da união entre homens e mulheres e da geração de uma prole. Ao tornar interdita uma mulher de minha família, de meu clã, de minha aldeia, e ao culturalmente destiná-la a “alguém de fora”, eu me integro e participo de uma teia de intercâmbios regida por uma gramática de relações entre grupos humanos através da troca recíproca de bens, pessoas, símbolos e significados. Pois quando eu reservo minhas filhas para dá-las em casamento a homens de fora de meu círculo mais próximo de parentes, eu espero que em troca que eles façam o mesmo com as suas filhas, em favor dos meus filhos, da minha família, de meu clã.

Porque vivemos assim? Podemos criar um mundo de vida diferente

Esta terá sido a aprendizagem mais ancestralmente humana: aprender a sair de si-mesmo e abrir-se ao outro; saber renunciar ao que é “meu” ou “nosso” em favor de quem é “o outro”; proibir que coisas e pessoas fiquem presas ao círculo do que é “nosso” e torná-los seres ou objetos de transação, prescrever e observar gramáticas de intercâmbio e reciprocidade, substituir o seqüestro, o roubo e a guerra, pela aliança, a troca “Façamos a paz, casemos nossas filhas”, é uma antiga e sábia fórmula que consagra este princípio que tornou possível a sociedade humana e, assim, a continuidade de nossa própria experiência sobre a Terra. Entre idas e vindas, entre acertos e desencontros, toda a sociedade humana se preserva e transforma na medida em que conserva e inova sistemas de reciprocidade através dos quais constantemente fluem e são trocadas entre categorias de sujeitos sociais: os seus bens, as suas pessoas e as suas mensagens.

Não foi propriamente com promessas entre palavras e nem com os preceitos da religião - eles vieram depois e consagraram as proibições e as reciprocidades - que os primeiros grupos humanos aprenderam a sobrepor *regras sociais* culturalmente estabelecidas, sobre as *leis biológicas* que eles compartilham com os bandos de macacos. A reciprocidade, a troca e a aliança, eis o que nos fez passar do *bando biológico* ao *grupo cultural*. Eis a pedra fundamental do edifício social da cultura. Chimpanzés, orangotangos, lobos, gibões e gorilas surgem no mundo geneticamente programados para lutarem pela posse de fêmeas, mas não para matar um outro ser do bando por causa delas, ou por causa de alimento ou território. Nós não. E por isso tornou-se inevitável o criarmos palavras, linguagens, identidades sociais, princípios de interações, códigos de conduta, gramáticas de etiqueta, preceitos jurídicos ou mandamentos divinos (“não matarás”; “não cobiçarás a mulher do teu próximo”) para tornar possível, desejada e compreensível a vida humana em comunidade. Através do dom, da troca e da reciprocidade, entre as suas múltiplas expressões práticas ou simbólicas de fazer circular seres, coisas, símbolos e sentidos entre teias e redes de obrigações práticas ou cerimoniais de dar-receber-retribuir, ao mesmo tempo as culturas e as sociedades primitivas foram criadas⁷.

⁷ Essas idéias que apenas simplificam muito a “teoria da aliança” estabelecida pelo antropólogo francês Claude Lévi-Strauss, podem ser aprofundadas (e muito) com a leitura de seu livro: ***As estruturas elementares do parentesco***, publicado em Português pela Editora Vozes, com a primeira edição em 1982.

A passagem cultural da *lei* para a *regra* representa o trânsito do domínio animal *da natureza para a cultura*. A partir deste salto qualitativo (pois há nele transformações significativas e irreversíveis) e não apenas quantitativo (pois não há uma simples acumulação de mudanças biopsicológicas) o *homo* não nega a sua origem natural e nem se torna alguém “fora dela”. Ele dá ao “ser natural” um outro sentido e uma outra dimensão de existência. Esta diferença é e está na cultura. E origem da cultura não está nem tanto e nem apenas no que os seres humanos acrescentam ao mundo quando o transformam através do trabalho de suas mentes. Ele está, também e essencialmente, num “quefazer” realizado em e sobre si-mesmo.

Os animais se acasalam segundo os seus desejos, regidos pela “lei da espécie”. Homens e mulheres se encontram, se amam, casam e geram filhos, vendo e vivendo os seus desejos transformados em símbolos de suas culturas. Em experiências pessoais vividas como iniciativas e rotinas culturais de acordo com os seus sistemas de valores e submetidos a princípios e códigos de relações pelos quais a mulher amada se transforma em esposa, o fruto do amor em filho e a cumplicidade estabelecida de “tudo isto” em uma família. Em uma rede de parentes, uma fração de aldeia, a metade de uma tribo, um momento de uma nação, o sentido de uma identidade, o culto de uma fé, a partilha de uma visão do mundo. E, para que tudo isto seja passado a outros e intercambiando com outros para além dos códigos genéticos, os seres humanos criam sem cessar saberes que partilham, e sistemas sociais de partilha do saber a que em geral damos o nome de: educação.

E o princípio de tudo o que cria a uma só vez o ser humano, a sociedade humana e a cultura, parte de algo absolutamente novo como experiência da vida do mundo. Parte de uma tomada coletiva de decisão iniciada em atos de *renúncia de si* e completada com um *dar ao outro o que é meu*, na espera que este outro se obrigue a uma semelhante renúncia e a uma equivalente dádiva. Não somos humanos porque somos seres racionais; nós nos tornamos humanos porque como indivíduos, grupos e comunidades, nós somos seres aprendentes. Não somos seres coletivos, somos seres sociais. Não somos seres da posse e da acumulação, e devemos não esquecer que elas são a nossa barbaria, a perda de rumo, o nosso desvio. Somos seres da troca e da reciprocidade, e elas são a nossa origem e o nosso destino.

Voltemos uma vez ainda ao que já foi escrito e repetido aqui. Os animais vivem isolados, aos pares, em bandos ou em coletividades imensas e complexas, dentro de um mundo natural que lhes é dado, e circunscrito a leis naturais da espécie. Nós, os humanos, vivemos em grupos, em comunidades e em amplas

sociedades, entre o mundo natural que nos é dado e o mundo de cultura que criamos e que transformamos para viver e conviver regidos pelas leis naturais que compartilhamos com os animais, retrabalhadas por regras culturais que socializam em nós a natureza⁸.

Eis-nos diante de não apenas duas teorias – pois não se trata disto – mas de duas vertentes das razões e raízes da reciprocidade e da cooperação. Uma vertente vinda das ciências da vida coloca em predisposições orgânicas da espécie o alicerce da razão solidária. Somos geneticamente seres regidos pela emoção. A emoção fundadora do ser humano é a experiência do amor. E é o exercício gratuitamente recíproco desta emoção, entre os mais diferentes relacionamentos entre pessoas e entre grupos de pessoas, aquilo que constitui a o próprio ser da vida social.

Uma outra vertente, vinda das ciências sociais, desloca para o acesso a uma saída simbólica, logo, cultural, o surgimento da reciprocidade. Pois é justamente pelo que nos falta geneticamente e sobra organicamente nos animais, aquilo que nos leva a criarmos regras, princípios e gramáticas sociais de atribuição de identidades e de orientação de condutas identitárias. Condutas entre categorias de sujeitos e categorias de grupos humanos regidos por proscições obrigatórias (o tabu do incesto) e por prescrições inevitáveis (a reciprocidade) de que derivam a troca e a circulação social de bens, pessoas e mensagens.

Estaremos vivendo a continuidade de um processo irreversível (pelo menos por agora), multifacetado e globalizante de instrumentalização utilitária do ser e do viver, do pensar e do agir, do existir e do correr (num duplo sentido da palavra) da vida de pessoas exiladas cada vez mais da condição de sujeitos de suas existências e de seus mundos sociais, para a de objetos de círculos múltiplos de interesse e de poder bastante típicos do que podemos resumir aqui como “o mundo dos negócios”? Estaríamos respondendo a esta era de “final da história” e de “fim do sujeito”, de submissão de grupos humanos, povos e nações à hegemonia do capital flexível, de insegurança, volatilidade, e medo, com o recurso à fuga um individualismo incoerente e ineficaz? Estaremos a cada dia mais e mais obrigados a uma adesão – voluntária ou não – aos padrões de competência competitiva do mercado de serviços, de bens e de significados? Estaremos partilhando, de um modo ou de outro, uma perda progressiva de nossas

⁸ Para as pessoas acostumadas ou não à leitura da Tora judaica ou da Bíblia cristã, sugiro um releitura com o olhar aqui proposto. Um olhar motivado a observar como quase tudo o que se passa entre deus e os homens, e entre os homens, tem a ver com a regulação e a transgressão de princípios originais de reciprocidade. Apenas como uma curiosidade antropológica, sugiro também que observem, logo no começo do Gênesis, como ele aparece em duas versões próximas, mais diferentes. Eles estão separados por tradições culturais Adão, e através da vivificação de

identidades, do sentido do ser de nossa própria pessoa, da vocação de nos sentirmos co-autores de nosso próprio destino? Mesmo contra a nossa vontade, estaremos nos colocando, ou sendo por outros (quem?) colocados, tanto no *mundo dos negócios* quanto no *mundo da vida*, como seres que “valem” uns para os outros, uns contra os outros, bem mais pelo que produzem e consomem do que pelo que são e sonham? Estaremos sendo condicionados a aprender-e-ensinar uns aos outros, contra-valores a uma vocação genética ao amor e a uma vocação cultural à reciprocidade e ao dom, submetendo o primeiro pelo poder e os segundos, pelo desejo do ganho, e pela posse utilitária do outro enquanto instrumento de nossos interesses? Estaremos-nos “dando” aos nossos outros através do que produzimos, possuímos e podemos e, não, como as pessoas que somos, reservando momentos e gestos de gratuidade interativa para apenas o círculo de alguns poucos parceiros de nossas reservas de afeto?

Ao olhar de alguns estudiosos, bem poucas seriam as esperanças em um renascimento do humano, associado a um reverdecimento de um mundo natural exaurido e degradado. O “caminho de volta”, ou “o caminho à frente” não existiria mais, pelo simples fato de que o fomos destruindo na medida em que íamos avançando. Avançando em direção ao quê? Avançando rumo a um progressivo domínio da lógica do mercado e da ética dos negócios. Um mundo em que o lucro e a posse de maneira irreversível suprimiriam a troca e o dom, e onde a palavras e os gestos a que lhes emprestam os nomes e a substância - reciprocidade, solidariedade, amorosidade, cooperação, troca, dádiva, harmonia, igualdade e paz – tendem a tornar-se figuras de retórica na falas dos últimos místicos, poetas e iludidos. Um jogo de metáforas antigas ainda partilhadas por alguns poucos aqui e ali. Mulheres e homens que por mais um dia ainda falam de um “outro mundo possível”, antes de se entregarem às imagens e poderes de um mundo em que pessoas valem como coisas e coisas como pessoas. E onde o medo-do-outro, torna a cada dia mais perigosa a nossa vocação ancestral de sair-de-si em busca de realizar-se no único ser, que à nossa espera, nos pode salvar, ao salvar-se através de nos: o *outro*.

Existe ainda uma história? Existimos ainda nós, pessoas, sujeitos, homens e mulheres humanos? Existe ainda um caminho? Sim, precisamos crer! Mas antes de buscá-lo em alguma espaçonave de ETs salvadores, ou em alguma vindoura conjunção astrológica de astros, devemos procurar por ele aqui onde estamos agora, entre os nossos gestos de partilha à espera do olhar de um outro.

uma costela dele. Mas, no outro, Deus cria ao mesmo tempo “o homem e a mulher”. Ele os cria por igual, ao mesmo tempo e “à nossa imagem e semelhança”.

Esta inversão humana do em-si e do para-si, do “cada um por si”, em um eu ético, em prioridade do para-outro, esta substituição ao para-si da obstinação ontológica de um eu doravante decerto único por sua eleição a uma responsabilidade pelo outro homem – irrecusável e insensível – esta reviravolta radical produzir-se-ia no que eu chamo encontro com o rosto de outrem. Por trás da postura que ele toma – ou que suporta – em seu aparecer, ele me chama e me ordena do fundo de sua nudez sem defesa, de sua miséria, de sua mortalidade. É na relação pessoal, do eu ao outro, que o “acontecimento ético, caridade e misericórdia, generosidade e obediência, conduz ou eleva acima do ser”⁹.

Os animais aprendem para se adaptar e, nós, para nos transformarmos. Pois em nós o saber não apenas nos molda, mas ele continuamente nos desequilibra, nos desinstala do “conhecido” e nos torna o-mesmo em um-outro. Colocadas lado a lado, a pequenina criança humana e chimpanzé desenvolvem-se desde os primeiros momentos de vida. Até por volta dos cinco meses a pequena chimpanzé parece levar vantagem sobre a humana. Aprende mais depressa e gera padrões adaptativos dos comportamentos de sua espécie com mais segurança. Mas quando justamente ela estaciona e está pronta para viver a vida de sua espécie em seu bando, a criança humana “explode” em aprendizagem. Tardará um pouco ainda a tornar-se um “ser simbólico”, mas com o acesso ao símbolo e à linguagem, ela multiplicará em breve tempo o seu aprender a saber e o seu saber para continuar aprendendo. Quando aos três anos de idade, a criança chimpanzé contenta-se em comer folhas e frutos, e a conviver e se comunicar através de alguns poucos sinais com os seus outros, a criança humana crivará os pais de perguntas e ousará começar a ser uma inquieta filósofa.

Os macacos nunca ultrapassaram o domínio da natureza e do sinal, como limite da comunicação e da compreensão, porque não precisaram, não quiseram ou – o que é o mais provável – não lograram criar entre eles padrões e sistemas de reciprocidades - trocas, partilhas, intercâmbios, interações simbólicas, comércios – que envolvam, como ponto inicial de partida, um sair-de-si em busca de um outro. Somos sociais porque somos seres de renúncia de si e de doação ao outro. Isto que parece ser um retorno a um generoso romantismo é, na verdade, a nossa mais radical realidade¹⁰.

⁹ Emmanuel Lévinas, *Entre nós*, página 269.

¹⁰ Um antigo mito da filosofia Vedanta talvez traduza, com outros seres e para outros fins, esta mesma diferença. Diz o mito que inúmeras divindades disputavam entre elas para decidirem quem eram as mais superiores, as mais próximas à divindade suprema (cujo complicado nome não irei lembrar agora). E como entre elas não chegavam a um acordo, foram procurar a própria divindade. Antes de dizer a sua palavra, a divindade ofereceu um banquete

Os verbos que entre nós, desde tempos bem passados até hoje, qualificam a substância do ato de educar nos são bem conhecidos. Eles vão de *instrumentalizar a formar*, passando por: *capacitar, desenvolver competências, adaptar, reciclar, preparar, instruir, conscientizar, educar*. No entanto, ao longo da ponte que separa-e-une o *instruir* e o *educar*, ou o *capacitar* do *formar*, permanece muitas vezes uma compreensão da educação como uma oferta uni-dirigida de saber e, o aprender, como uma aquisição acumulativa de saberes ensinados. No entanto tudo o que foi escrito até aqui serve a trazer à volta de nossa mesa o “outro lado” do trabalho de ensinar associado ao trabalho de aprender. Se quisermos ser coerentes por inteiro com as idéias que nos chegam anunciadas pelos paradigmas emergentes nas ciências e na educação, devemos então repensar todo o sentido da aprendizagem. Ela pode ser pensada como “aquisição”, como “apropriação legítima”, como “interação e interação” de saberes destinados a algum fim determinado. Mas aprender é, antes de tudo, exercitar o alargamento do diálogo. É alçar-se a planos cada vez mais densos, mais complexos, mais diferenciados, mais conectivos, mais recíprocos e, portanto, mais dialógicos de *intertrocas* de saberes e de sentidos.

Mais do que possuir, interligar e acumular conhecimentos, ao aprender o que não sabia, estendo em mim e através de mim teias de reciprocidades que me tornam presente e participante em/de círculos de saberes/sentidos. E não pelo que eu possuo, pois aprendo saberes que não são meus e nem se tornam meus, mas passam por mim, que fluem entre teias e redes de partícipes, através de mim.

E o professor, o educador, eles são aqueles que, mais do que ensinar-o-que-não-se-sabe, fazem fluir entre as pessoas e os seus símbolos os conhecimentos que fazem fluir e colocam em circulação. O educador é um elo de reciprocidades, um profissional especializado em não permitir que “aquilo que deve ser conhecido” fique restrito a esferas de “senhores do saber”. Por isso mesmo há algo de sempre transgressivo no ato de educar. Pois a experiência da educação é, em sua vocação mais singular, a de criar múltiplas situações em que algo porventura condenado a ser uma posse exclusiva e excludente, um valor de mercado, uma apropriação hierarquizante (eu valho pelo saber que demonstro possuir, quando comparado com outros), um domínio, venha a se tornar também e de forma crescente e irreversível, um dom de troca.

Aprendemos porque somos seres permanentemente ignorantes. Isto é, seres humanos e sujeitos de culturas em quem sempre falta muito mais “o que saber”, do que “o que já é sabido”. Vale para qualquer ciência o que vale para

qualquer pessoa, cientista ou não. O que eu-sei é a evidência do intervalo infinitamente mais entre o meu-saber e o saber interativo do círculo dos que conhecem-comigo-diferente-de-mim, o que eu sei. Aprendemos porque o nosso não-saber é sempre corrigível, ampliável, frágil e efêmero. Só é meu na verdade o saber de que eu partilho. Uma pessoa que restasse como a última falante de uma língua perdida, não saberia língua alguma, pois não teria ninguém com quem trocar o que sabe ou sente. Só é meu o conhecimento que eu não possuo. Que a todo o momento flui através de mim e, tomando-me como um elo entre tantos de uma comunidade aberta de sabedores, passa por mim e a mim retorna através de outros. Através da experiência da reciprocidade que completa na troca de símbolos, de saberes, de sentidos e de significados, aquilo que, começando com a troca perene de coisas e de pessoas, dá sentido a que nos transforma permanentemente em seres humanos, ao nos facultar o sair-de-si em direção ao único ser real em minha vida: a pessoa do outro.

E por isso a educação. Por isso a troca de saberes que as pessoas realizam quando se encontram na educação. Pois a educação não é um poder e nem uma instituição social. Como a praça de uma cidade - Sócrates terá sido o primeiro a descobrir isto? – ela é um contexto, um lugar cultural, um cenário onde pessoas se aproximam e interagem para inter-trocar reciprocamente o que sabem. Isto é, o que são.

Por isso sem cessar, da tenra infância ao outono da velhice vivemos a vida envolvidos da indispensável vocação de nos ensinar-e-aprender. *Lei do destino, que todos se aprendam!* Escreveu um dia Holderlin, o poeta. Não para acumular saberes, como as nossas máquinas eletrônicas podem fazer por nós. Não para instrumentalmente nos capacitarmos especializada e competitivamente para o exercício em que tanto mais se sabe quanto menos se pensa e reflete, como haverão de realizar um dia os robôs que saberemos construir com as matérias da natureza e os vôos do espírito de nossas mentes. E nós os construiremos quando aprendermos a nunca sermos como eles, mas o seu exato oposto.

Por isso a educação, para que também e essencialmente através dela, estejamos sempre participando de círculos de perenes *comunidades aprendentes*. Para que estejamos juntos e dialogicamente vivendo em nós e entre nós a grande aventura do ser humano: saber compreender e, compreendendo sem algo um dia não sabido e compreendido, podermos nos alçar a círculos de símbolos, de saberes, de sentidos, de significados, e de sociabilidades cada vez mais amplos e densos e, por isso mesmo, cada vez mais efêmeros e transformáveis.

De um poeta polonês que eu mesmo não conheço, li certa feita este poema. Creio que ele traduz da melhor maneira possível a realidade de nossos sonhos.

*O trabalho da História não terminou.
É um rochedo que os nossos braços empurram para o alto.
Se cedemos, ele oprime nosso peito;
Se repousamos, ele esmaga nossa cabeça.
O trabalho da História não terminou.
A terra ainda não foi temperada no fogo do Amor¹¹.*

Livros e artigos citados ou que poderiam ser lidos com proveito

ARENDDT, Hannah.

A condição humana

Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2005, 10ª edição

ARRUDA, Marcos

Humanizar o infra-humano

Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

BAUMAN, Zygmund

Comunidade – a busca por segurança no mundo atual

Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003

BAUMAN, Zigmund

Vidas desperdiçadas

Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas

Modernidade, pluralismo e crise de sentido

Petrópolis: Vozes, 2004.

¹¹ O poeta tem este nome: Cipriano Kamil Norwid, ele nasceu em 1821 e faleceu em 1883

BOFF, Leonardo.

Ecologia, mundialização e espiritualidade

São Paulo: Editora Ática, 1993.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues

A canção das sete cores – educando para a paz. São Paulo

Editora Contexto, 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues

Aprender o amor – sobre um afeto que se aprende a viver

Campinas: Editora Papyrus, 2005.

BRONOWSKI, J

A escalada do homem

São Paulo: Martins Fontes/Editora da Universidade de Brasília, 1983.

BUBER, Martin

Eu e Tu

São Paulo: Editora Moraes, S/d.

CAILLÉ, Alain.

Antropologia do dom

Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

CHARDIN, Teilhard de

O fenômeno humano

São Paulo: Editora Cultrix, 1994

COHEN, Abner

O homem bidimensional – antropologia do poder e do simbolismo em sociedades complexas Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1978.

ELIAS, Norbert

A sociedade dos indivíduos

Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1994

GEERTZ, Clifford

A interpretação das culturas

Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989

HAAF, Gunter

A origem da humanidade – a maravilhosa história da criação do homem

São Paulo: Círculo do Livro/Abril Editora, 1982

LAVELLE, Louis

Em face do outro

São Paulo: Edições Paulinas, 1965

LEAKEY, Richard; LEWIN, Roger.

Origens

São Paulo: Edições Melhoramentos/Editora da Universidade de Brasília, 1980

LEAKEY, Richard

A evolução da humanidade

Brasília, Edições Melhoramentos/Círculo do Livro/ Editora da Universidade de Brasília, 1981.

LÉVI-STRAUSS, Claude

As estruturas elementares do parentesco

Petrópolis, Editora VOZES, 1982

LÉVINAS, Emmanuel

Entre nós – ensaios sobre a alteridade

Petrópolis: Editora Vozes, 1997

MAFFEZOLI, Michel

A transfiguração do político – a tribalização do mundo

Porto Alegre: Editora Sulina, 1997

MARX, Karl

Manuscritos econômicos e filosóficos

São Paulo Editora Martins Claret, 2002.

MATURANA, Humberto; REZEPKA, Sima Nisis

Formação humana e capacitação

Petrópolis: Editora Vozes, 2000

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco

A árvore do conhecimento

Campinas: Editorial Psy, 1995

(existe edição mais recente pela Pallas Atena)

MATURANA, Humberto

Emoções e linguagem na política e na educação

Belo Horizonte: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, 1999

MAUSS, Marcel

Sociologia e antropologia

São Paulo: Cosac e Naify, 2003

MORAES, Maria Cândida

O paradigma educacional emergente

Campinas: Papyrus Editora, 1997, (6ª edição)

MORENO, Jacob

Quem sobreviverá? Fundamentos da sociometria, psicoterapia de grupo e sociodrama Goiânia: Dimensão Editora, 1994

MOSCOVICI, Serge

Sociedade contra a natureza

Petrópolis: Editora Vozes, 1975

MOUNIER, Emmanuel.

O personalismo

São Paulo: Centauro Editora, 2004

NÉDONCELLE, Maurice

Para uma filosofia do amor e da pessoa

Lisboa: Livraria Moraes Editora, 1961

PARIS, Carlos

O animal cultural

São Carlos: EDUFUSCAR, 2002

RICOEUR, Paul.

O si-mesmo como um outro

Campinas: Papyrus Editora, 1991

SEVERINO, Antônio Joaquim.

Educação, sujeito e história

Editora Olho D'Água, 2001

Campinas, verão de 2008

Carlos Rodrigues Brandão